

INTERVENÇÕES SENSORIAIS: CHAVE PARA O URBANISMO TÁTICO

*Amanda Pereira Rodrigues Moura
Luana Ferreira de Albuquerque
Luciana Nemer Diniz*

Resumo: Este artigo discute a importância das intervenções sensoriais no contexto do urbanismo tático e explora como essas abordagens podem melhorar a experiência urbana contemporânea. O principal objetivo desta investigação é destacar o papel das intervenções sensoriais na transformação das cidades, tornando-as mais interessantes e inclusivas para os seus habitantes, além de promover a conexão entre as pessoas e o ambiente construído. A metodologia adotada se amparou em pesquisa bibliográfica e material previamente publicado (livros e artigos), destacando autores que abordam questões relevantes para a pesquisa, como Harvey, Brenner e Pallasmaa. Os resultados provenientes do estudo apresentam exemplos importantes que podem ser aplicados em diversos contextos urbanos. Conclui-se que o urbanismo tático combinado com uma abordagem sensorial oferece um caminho promissor para a renovação da cidade contemporânea, promovendo um ambiente urbano mais coeso e enriquecedor para todos os cidadãos.

Palavras-chave: Sensorial. Urbanismo Tático. Espaços construídos. Cidade. Arquitetura.

SENSORY INTERVENTIONS: KEY TO TACTICAL URBANISM

Abstract: This article discusses the importance of sensory interventions in the context of tactical urbanism and explores how these approaches can improve the contemporary urban experience. The main objective of this investigation is to highlight the role of sensory interventions in transforming cities, making them more interesting and inclusive for their inhabitants, as well as promoting the connection between people and the built environment. The methodology adopted was based on bibliographical research and previously published material (books and articles), highlighting authors who address issues relevant to the research, such as Harvey, Brenner and Pallasmaa. The results from the study present important examples that can be applied in different urban contexts. It is concluded that tactical urbanism combined with a sensorial approach offers a promising path for the renewal of the contemporary city, promoting a more cohesive and enriching urban environment for all citizens.

Keywords: Sensory. Tactical Urbanism. Built Spaces. City. Architecture.

INTERVENCIONES SENSORIALES: CLAVE DEL URBANISMO TÁCTICO

Resumen: Este artículo analiza la importancia de las intervenciones sensoriales en el contexto del urbanismo tático y explora cómo estos enfoques pueden mejorar la experiencia urbana contemporánea. El principal objetivo de esta investigación es resaltar el papel de las intervenciones sensoriales en la transformación de las ciudades, haciéndolas más interesantes e inclusivas para sus habitantes, así como promoviendo la conexión entre las personas y el entorno construido. La metodología adoptada se basó en investigaciones bibliográficas y material previamente publicado (libros y artículos), destacando autores que abordan temas relevantes para la investigación, como Harvey, Brenner y Pallasmaa. Los resultados del estudio presentan ejemplos importantes que se pueden aplicar en diferentes contextos urbanos. Se concluye que el urbanismo tático combinado con un enfoque sensorial ofrece un camino prometedor para la renovación de la ciudad contemporánea, promoviendo un entorno urbano más cohesionado y enriquecedor para todos los ciudadanos.

Palabras-clave: Sensorial. Urbanismo tático. Espacios construidos. Ciudad. Arquitectura.



1 INTRODUÇÃO

O urbanismo surgiu no final do século XIX e início do século XX em resposta aos desafios urbanos decorrentes do rápido crescimento populacional e das mudanças sociais e econômicas ocorridas durante a Revolução Industrial. A necessidade de lidar com questões como habitação precária, insalubridade e problemas de circulação nas cidades em expansão, levou ao desenvolvimento de uma disciplina que se concentrou no planejamento e na organização das áreas urbanas.

O termo "urbanismo" tem uma origem controversa. Segundo Correa (1989), Ildefonso Cerdá é responsável pela introdução do termo ao escrever a "*Teoría General de la Urbanización*", em 1867. Outra versão do surgimento do termo "urbanismo" é associado ao *Bulletin de la Société Géographique*, na França, por volta de 1910, como mencionado por Bardet (1990). Nesse contexto, o urbanismo foi visto como uma "nova ciência" que se destacou das práticas urbanísticas anteriores por sua abordagem mais crítica, reflexiva e pretensamente científica. De acordo com Choay (1965) o termo "urbanismo" surgiu em um congresso em Londres, em 1910, no qual se reuniram teóricos pioneiros no estudo dessa área. Independentemente da origem exata do termo, o urbanismo se desenvolveu como uma disciplina que busca compreender, planejar e organizar as cidades de maneira mais eficaz e sustentável, levando em consideração a qualidade de vida das pessoas que nelas habitam. Com o tempo, o urbanismo evoluiu e incorporou uma variedade de abordagens, teorias e métodos para enfrentar os desafios complexos das cidades modernas.

No século XIX, a urbanização era desenvolvida a partir de um olhar higienista, no qual priorizava-se uma ocupação que garantisse condições de salubridade, com isso a natureza, muitas vezes, foi negligenciada em detrimento de obras, como: canalização de rios, aterros, pavimentação de ruas e drenagem urbana, conforme Figura 1. O urbanismo modernista, além de priorizar organizar a cidade a partir de zonas de acordo com a sua

função, deu ênfase ao fluxo automotivo.

Figura 1 - Reformas sanitárias e urbanas transformaram o Rio de Janeiro durante o governo do prefeito Pereira Passos, no início do século XX.



Fonte: WRI Brasil (2020).

Na década de 50, em contraste com a abordagem mais autoritária e universalista do modernismo, começaram a ganhar força discussões em torno de temas ambientais e de uma participação mais ativa da sociedade.

Com isso, começou-se a reconhecer a importância da participação da comunidade, da flexibilidade e da adaptação às necessidades locais. Essas abordagens buscam criar cidades mais inclusivas, sustentáveis e centradas nas pessoas, levando em consideração as complexidades e diversidades das comunidades urbanas. Assim, no início do século XXI, surgiu o conceito de "urbanismo tático", que se concentra em intervenções de curto prazo e de baixo custo para melhorarem o ambiente urbano. Essas intervenções muitas vezes são feitas de maneira colaborativa e podem incluir a criação de espaços públicos temporários, como: praças de bolso ciclista (áreas ociosas da cidade transformadas em espaços destinados a promoverem a cultura da bicicleta), ciclovias temporárias e parques temporários. O urbanismo tático é uma abordagem experimental que permite testar ideias e envolver a comunidade de forma mais direta e imediata (MELO, 2022).

Essas mudanças, recorrentes e profundas, moldam as cidades e influenciam não só a sua aparência física, mas também o contexto de sensibilidade que nelas surge. À medida que as pessoas se aventuram pelas ruas e espaços urbanos, são rodeadas por diversos estímulos sensoriais que moldam as suas percepções e interações com o ambiente construído. Neste contexto, é relevante explorar a importância das intervenções sensoriais para aprimorarem a experiência do urbanismo tático, promovendo a inclusão social, valorizando as experiências individuais dos habitantes, fortalecendo o espírito comunitário e, conseqüentemente, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos.

2 A EVOLUÇÃO URBANA E O URBANISMO TÁTICO

O desenvolvimento do sistema capitalista provocou a migração das pessoas para os centros urbanos, em busca de melhores oportunidades de trabalho. Este movimento resultou no aumento do distanciamento da relação do homem com a natureza, o que influenciou diretamente em sua percepção do meio ambiente. As cidades atuais enfrentam grandes problemas de ordem ecológica e social, dos quais se destacam a poluição do ar e hídrica, impermeabilização do solo e desmatamento. Todo o corpo urbano, envolvido no processo de urbanização e manutenção das cidades (políticos, legisladores, urbanistas e a própria população), tem responsabilidade na degradação do meio ambiente, cada um com a sua parcela nas atribuições destrutivas.

O ser humano imerso neste sistema capitalista, que está regido pela máxima de que tempo é dinheiro, adotou um estilo de vida no qual reina a praticidade relativa à redução de tempo e procura-se banir qualquer atividade extra aos serviços assalariados. Por este motivo, depara-se com a preferência pela concepção de espaços cujo solo é impermeabilizado e que tenha o mínimo de áreas verdes, o que impacta diretamente no fluxo natural do ambiente.

O Regime Capitalista formou um organismo social, desde os primórdios, que naturalizou a degradação ambiental em favor do progresso econômico de

uma minoria privilegiada. Porém, os problemas ambientais foram se concentrando em regiões onde reside a população menos favorecida. Todo esse movimento, impulsionado por grandes empresas, é demasiadamente apoiado por autoridades políticas que oferecem vantagens fiscais, fundiárias e regulatórias, flexibilizando leis e normas urbanísticas para atrair investimentos, acreditando que isso colabora com o desenvolvimento da economia, mas não se percebem os prejuízos a longo prazo, já que resultam em inúmeros problemas ambientais e sociais (WALLERSTEIN, 2001).

Para Harvey (2006) o Neoliberalismo, movimento substancialmente capitalista que defende a liberdade de mercado e a restrição à intervenção estatal, contribuiu significativamente com o processo de marginalização social e, em contraponto, com o surgimento de movimentos de oposição a esse cenário.

O neoliberalismo, conquistou seu espaço no senso comum da sociedade, mascarado pela ideia de propulsor da liberdade de escolhas do indivíduo e apoiado por discursos que defendiam e doutrinavam o capitalismo pelo mundo, com a promessa de que este seria um caminho para reconstruções econômicas, já que garantiriam práticas capitalistas de liberdade comercial e o livre mercado, com interferência mínima do Estado, incentivando o crescimento da economia.

A temática dessa liberdade fascinou e ratificou muitas lutas coletivas ao longo da história, e essa justificativa nas entranhas do neoliberalismo, resultou, como era de se esperar, num poderoso argumento de fácil aceitação, com maior espaço à ideologias e políticas privatistas, e diminuindo os investimentos em infraestrutura e/ou políticas sociais, o que reforçou também a terceirização da responsabilidade do insucesso de algumas camadas sociais, já que se as condições pioravam para as classes baixas, devia-se ao fato de que aqueles indivíduos não souberam administrar devidamente o seu capital.

O neoliberalismo desdobrou-se, ao longo de sua prática, em um modelo

serviçal do capitalismo, agindo como elemento para o restabelecimento das condições para a acumulação e restauração das classes dominantes. No Brasil, a privatização acelerada e os cortes da responsabilidade do Estado passaram a transferir para o indivíduo a responsabilidade do seu bem-estar, estabelecendo, conseqüentemente, uma segregação social, já que grande parte da classe trabalhadora é formada por pessoas historicamente já apartadas de direitos e de voz no domínio público.

Nesse processo houve a fragmentação da cidade, já que cresceram significativamente o alcance de serviços e espaços privados de uso público, o que resultou num abandono e subestimação dos ambientes públicos, os quais foram perdendo o seu efeito de sociabilização no espaço urbano. Esse cenário tornou-se um elemento conceitual das cidades contemporâneas, representado pelo crescimento dos condomínios fechados, shoppings e privatização de serviços de segurança.

Nessa configuração, alguns movimentos foram criados, através de apropriações não formais e arranjos descentralizados do espaço público, como forma de ocupar e rememorar a importância desses ambientes no vivenciamento da cidade, simbolizando a retomada da cidade como espaço de uso e expressão popular, vide Figura 2. São ações pontuais na cidade que reforçam não apenas a identidade individual, mas a linguagem coletiva da cidade como espaço experimentado. É dizer que, os coletivos urbanos promovem um movimento contrário ao neoliberalismo, trazendo o olhar privado ao público através de manifestações transversais e, muitas vezes, dissociadas das ações do governo.

Figura 2- Grupo “Tá na Rua” em apresentação nos Arcos da Lapa, no Rio.



Fonte: Globo.com (2014).

Nesse contexto, no século XXI, surgiu o urbanismo tático, com enfoque em promover o planejamento e intervenção do espaço urbano em busca democratizar o direito à cidade.

O termo "tático" vem das obras do filósofo francês Michel de Certeau (1998) que define as diferenças entre estratégias e táticas. A palavra "tático" está essencialmente relacionada com a implementação de estratégias ou táticas para atingir os objetivos desejados. O urbanismo tático segue exatamente esta lógica, utilizando abordagens estratégicas e meios criativos para melhorar e transformar o ambiente urbano com objetivos claros. Essa definição inspirou arquitetos e teóricos contemporâneos, levando a iniciativas para criar ou aprimorar espaços públicos em todo o mundo (FONTES; PINA; PAIVA, 2021).

As intervenções urbanas criadas são, no geral, de pequena e média escalas, com baixo custo, rapidez na execução, reversibilidade e participação cidadã na tomada de decisões. As ações são geralmente pontuais e colaborativas, com participação da comunidade e especialistas.

De acordo com Fontes, Pina e Paiva (2021), um dos usos mais comuns do urbanismo tático é como uma intervenção para testar ideias para implementação futura, onde é possível controlar o seu impacto no espaço e

medir a sua aceitação na comunidade através de tentativa e erro. Nesta aplicação, a intervenção é realizada em etapas, começando com ações temporárias de baixo custo e que podem trazer benefícios imediatos, onde os resultados podem ser monitorados e o desenho final modificado. Estas medidas podem ser implementadas pelos cidadãos, pelas autoridades públicas ou através de parcerias entre a sociedade civil e o governo.

O urbanismo tático permite, experimentar mudanças na cidade por um período determinado, oferecendo uma aproximação ao impacto causado. O exemplo mais recente onde a adoção dessa medida ocorreu de forma expressiva e a nível mundial, foi a pandemia da Covid-19, onde os governos enfrentaram o desafio de se pensar em soluções que possibilitassem a utilização segura do espaço público. Dentre as táticas adotadas pode-se citar: Sinalização visual para demarcar o distanciamento nas filas, pintura no chão para orientar o fluxo dos pedestres (como setas indicativas), expansão de ciclovias para manter um distanciamento maior entre os ciclistas, instalações temporárias como parques e praças, dentre outras, conforme Figura 3.

Figura 3 - Demarcação de distanciamento em Nova York no período de pandemia.



Fonte: Fontes, Pina e Paiva (2021).

Ainda de acordo com Brenner (2016), este conceito apresenta uma variedade de elementos essenciais, são eles:

- a) Emerge em um contexto de crise de governança nas cidades contemporâneas, onde o Estado e o mercado não fornecem bens públicos básicos para uma população urbana crescente, como: habitação, transporte e espaços públicos.
- b) Não é um movimento único ou técnica estabelecida, mas sim uma área mais ampla, na qual se encontra uma gama diversificada de projetos emergenciais, provisórios, experimentais e para um propósito específico.
- c) A abordagem serve para responder a vários problemas urbanos emergentes, baseando-se em intervenções ideologicamente diversas, organizacionais e culturais.
- d) Os projetos criados são, em sua maioria, formas imediatas de intervenção para problemas locais classificados como urgentes. Portanto, o processo e a duração dessas ações são relativamente curtos e podem até ser considerados espontâneos ou impulsivos. Além disso, o âmbito espacial destes projetos é geralmente limitado, no alcance de um parque, rua, condomínio ou bairro.
- e) Os projetos que adotam o urbanismo tático se adaptam de forma flexível às mudanças na esfera política e econômica mais ampla, bem como à dinâmica institucional. Essa flexibilidade e abertura são enfatizadas como características essenciais das intervenções táticas, em contraste com os amplos planos estatais formais e os planos inflexíveis que caracterizaram as intervenções urbanas modernistas.
- f) O Urbanismo Tático tende a fomentar a reestruturação urbana por meio de uma abordagem fundamentada na participação ativa e prática da comunidade afetada pela situação em questão. Nesse contexto, os envolvidos diretos no caso se mobilizam de forma ativa para abordá-lo e, frequentemente, têm a oportunidade de influenciar tanto os métodos quanto os objetivos do processo. Dessa forma, o

Urbanismo Tático é frequentemente descrito como um meio de “apropriação” do espaço urbano por parte de seus habitantes e como um modelo de ação colaborativa de “fonte aberta”.

3 A RELAÇÃO ENTRE O URBANISMO TÁTICO E AS INTERVENÇÕES SENSORIAIS

Os modelos urbanos vigentes, na maior parte das cidades brasileiras, foram baseados em planejamentos desenvolvidos e apoiados por membros da elite dominante da sociedade, resultando em intervenções impositivas e que não refletem os anseios da comunidade. Com o acelerado crescimento das cidades e a espetacularização urbana, através da criação de obras monumentais e a preocupação acentuada com os termos estéticos, têm-se construído também um distanciamento entre os espaços urbanos e a dimensão humana, e isso resulta em consequências psicológicas e físicas muito visíveis dentro de uma sociedade: a sensação humana de não pertencimento.

Para mudar este cenário, que se formou ao longo dos anos, é necessário fomentar a conscientização e percepção coletiva, através de uma estratégia multidisciplinar, associando o conhecimento técnico-científico ao empírico tradicional, gerando assim a subjetivação do indivíduo, o qual passa a enxergar-se como pertencente ao lugar onde vive e como parte do processo, já que envolvido nas discussões, tende a ter um olhar mais efetivo e engajado.

A sensação de pertencimento move as pessoas a terem experiências muito mais ricas com os lugares que frequentam. Os locais por onde passam afetam seus sentidos de várias maneiras. As cores, texturas, acústica, cheiro, sabores desses locais estimulam e despertam sensações. Por isso, é tão importante criar espaços acolhedores ao maior número de pessoas.

Por outro lado, o projeto existe no mundo da intersubjetividade. Por mais velado ou secreto que possa ser, ele é expresso em conceitos, palavras, categorias que pressupõem a existência do outro. Mas, sobretudo, o projeto é o instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo (VELHO, 2013, p. 55).

Durante o planejamento urbano de um espaço coletivo é essencial que se considere: a que público se destina, qual a funcionalidade do espaço e que sentimentos pretende-se despertar nas pessoas. Portanto, na condução dos processos projetuais é imprescindível concentrar um olhar sensível às diferentes experiências sociais, fazendo que os distintos perfis de pessoas possam ecoar suas vozes num só conjunto. O percurso sensorial configurado pelo corpo, ao experienciar a cidade, foi denominado pela autora Paola Jacques (2008) como corpografia urbana:

Uma corpografia urbana é um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita, mas também configura o corpo de quem a experimenta. (JACQUES, 2008, n.p).

Segundo Berger e Luckmann (2002), conviver em sociedade, e imerso em ambientes também produzidos por outras pessoas, faz com que o ser humano interiorize uma realidade que está “fora”. Portanto, a capacidade de fazer uma conexão entre as experiências vividas e o universo simbólico coletivo é o que valida a coerência das expressões individuais. Sendo assim, pessoas que compartilham de um mesmo universo simbólico têm maior possibilidade de se entenderem. Hertzberger (1999) e Damatta (1997) concordam com esse conceito por expressarem que o sentido do espaço e do tempo são determinados pelo meio social.

Segundo Vizioli, Tiberti e Botasso (2021) a fenomenologia, o estudo de como os fenômenos se despertam através da interpretação da consciência, foi iniciado por Edmundo Husserl e, desde então migrou para variadas áreas

de estudo.

Qual seria a atitude fenomenologicamente correta para explorar a experiência imediata do corpo? Como possível resposta, penso que a experiência imediata do corpo não deve ser tomada nem como efeito de uma casualidade empírica linear, nem como produto da atividade de um sujeito voltado ao conhecimento. [...] Trata-se de nosso próprio corpo tal como o experimentamos, de dentro, um corpo que se ergue direção ao mundo. É assim que o corpo considerado particularmente nosso, ou seja, quando importa saber sobre o corpo de quem estamos falando [...]. Eu experimento o mundo com os sentidos, agindo sobre ele por meio da mais sofisticada tecnologia até os movimentos mais primitivos, tendo sobre eles uma gama de sentimentos que me dão uma gama de complexidade e sutileza (SANTOS, 2018, p. 17).

Christian Norberg-Schulz foi o responsável por propagar na arquitetura e urbanismo essa investigação e revelação dos objetos a partir da consciência. Sendo assim, o autor conceitua espaço existencial: “não é um termo lógico-matemático, mas compreende as relações básicas entre o homem e o seu meio.” (NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 10).

O corpo é o caminho através do qual o ser humano apreende o meio que o cerca, além dos cinco sentidos, já conhecidos, deve ser considerado um sexto que depende dos demais: a percepção. Ele está ligado a um lado abstrato do ser humano, consciente ou inconsciente, que define o que é agradável ou não. Por esse motivo, é imprescindível que o urbanista, ao projetar, leve em consideração os possíveis usuários daquele espaço para cada decisão que tomará no projeto.

A arquitetura está profundamente envolvida com as questões metafísicas da individualidade e do mundo, interioridade e exterioridade, tempo e duração, vida e morte [...] A arquitetura é nosso principal instrumento de relação com o espaço e o tempo, e para dar uma medida humana a essas dimensões. Ela domestica o espaço limitado e o tempo infinito, tornando-o tolerável, habitável e compreensível para a humanidade (PALLASMAA, 2011, p. 16).

Ao incorporar a fenomenologia na Arquitetura e Urbanismo, percebe-se que muito mais do que idealizar a funcionalidade e estética espacial, é

imprescindível investigar as necessidades, conceitos e aspirações de quem irá perceber aquele espaço. Um urbanismo meramente cartesiano é uma obra incompleta, já que provavelmente não existirá um elo forte com o seu usuário.

As características físicas de um ambiente contam apenas uma parte das características de um lugar. A forma como a percepção humana apreende o espaço permeia muitos tópicos e conceitos influenciados pelos aspectos físicos e sociais do ambiente, história, repertório individual do observador, e tantos outros detalhes que estão nas entrelinhas dessa relação homem x espaço. Sabendo que cada ser humano carrega dentro de si um universo, pode-se imaginar quantos universos contém um ambiente.

Porém, como bem retratado por Kevin Lynch (1999), existem algumas características no espaço urbano que facilitam o seu reconhecimento e sua organização dentro de um padrão coerente. A percepção humana não se restringe aos cinco sentidos humanos, mas engloba-se a estes o sexto sentido que é determinado pelos filtros individuais e culturais referenciados pelo repertório de vida de cada pessoa e, esse conjunto de sinais, internos e externos, que compilam a interpretação do mundo pelo ser humano.

Todos esses aspectos multifacetados resultantes das trocas que acontecem nessa relação homem x espaço justificam a razão do insucesso da imposição de um estilo arquitetônico/ urbanístico universal com uma ideia equivocada de que seria possível criar um padrão projetual ideal capaz de atender a todos os tipos de pessoas. Reforça, sobretudo, o desafio dos profissionais no desenvolvimento de projetos urbanos que consiga dialogar, ser vivenciado e influenciar positivamente um perfil variado de pessoas. Neste aspecto, A Psicologia ambiental tem um relevante papel no entendimento de como as condições ambientais influenciam nas capacidades cognitivas humanas. Assim como, também, na avaliação de como os comportamentos sociais se alteram e impactam a saúde mental e o ambiente vivido.

A consideração de todos estes aspectos na percepção da imagem socioambiental, evidencia o quanto somos biopsicologicamente complexos, sofrendo alterações constantes enquanto somos integrados por sistemas e integrantes de sistemas compostos que interagem mutuamente entre si. Dentro desta perspectiva, é primordial que, qualquer interferência no espaço, seja executada em caráter multidisciplinar e transdisciplinar, entendendo e codificando as riquezas socioambientais de um espaço interpretado e narrado pelas pessoas que o usufruem temporariamente ou permanentemente para que, através das atribuições projetuais e das práticas urbanas, possamos ter espaços funcionais amplamente vivenciados.

A construção da percepção sensorial está historicamente enraizada nos métodos e visões de mundo que a sociedade desenvolveu ao longo do tempo. A maneira como entende-se e interpreta-se os sentidos tem evoluído ao longo da história, refletindo mudanças culturais, filosóficas e científicas.

É difícil precisar uma ordem cronológica que remeta exatamente à origem do estudo das influências do espaço no corpo humano, já que a análise da experiência através dos sentidos, ou seja, dos fenômenos, já era investigada por Sócrates, Platão e Aristóteles (ELI, 2020). Estudos recentes de Ruggles (2017), Pallasmaa, Mallgrave e Arbib (2013), Mallgrave (2010) e Eberhard (2009) mostram que, desde a Antiguidade, a arquitetura era utilizada para despertar respostas emocionais dos seus usuários.

O corpo e sua relação com o espaço percorreram um longo caminho pela história, na coletânea produzida por Vitruvius (aprox. 27 a.C.), ele descrevia um modelo de proporção e simetria a ser seguido, nos princípios geométricos da arquitetura, para que os espaços projetados fossem percebidos de maneira mais harmônica (ELI, 2020).

A compreensão do corpo como um mecanismo de entendimento do mundo tem raízes antigas, e pode-se encontrar reflexões sobre isso em várias épocas. Desde as noções de ser humano como criador e sua relação com

Deus, no humanismo, houve uma transformação no modo como o corpo é percebido e na relação entre o indivíduo e o universo (MATESCO, 2009).

Durante o Renascimento, por exemplo, houve uma redescoberta do corpo humano, já que os polímatas se debruçaram em estudar anatomia e geometria, compreendendo o mundo a partir de uma ótica racional. O ser humano deixou de ser considerado apenas um mero espectador do mundo e passou a ser visto como um ser ativo, capaz de influenciar e moldar a realidade (SANTOS, 2023).

Essas várias correntes de pensamento histórico contribuíram para desenvolver a compreensão atual dos sentidos e sua importância na percepção e interpretação do mundo. A evolução dessas ideias e abordagens, ao longo do tempo, tem influenciado a forma como a arquitetura, o urbanismo e outros meios de expressão cultural são concebidos, levando em consideração a experiência sensorial e a relação entre o corpo e o espaço.

No urbanismo contemporâneo, vê-se uma ênfase na experimentação, na mistura de estilos e na desconstrução de ideias pré-concebidas. Os urbanistas estão cada vez mais interessados em criar espaços que reflitam as complexidades e contradições da sociedade, ao mesmo tempo em que buscam estabelecer uma conexão com a história e a cultura local. Além disso, a sustentabilidade e a responsabilidade social também têm se tornado temas centrais no debate sobre a cidade.

De acordo com a Juliana Neves (2017), pensar nos sentidos na concepção de espaços é uma forma de projetar para estabelecer a conexão entre o ser humano e o ambiente construído, com o intuito de causar impactos positivos através do bem-estar físico e psicológico, como exemplificado nas Figuras 4 e 5.

O conceito dos cinco sentidos tradicionais, que conhecemos, foi criado pelo filósofo e polímata grego Aristóteles, sendo eles: visão, tato, audição,

paladar e olfato. Os sentidos não funcionam de forma isolada, por isso, o conjunto influencia na percepção que se tem do espaço. Considerando isso, o psicólogo americano James Jerome Gibson, abandonou o conceito aristotélico, e decidiu não encarar os sentidos como meros “canais de sensação”, mas como “sistemas perceptivos” já que se tratam de estruturas mais complexas (NEVES, 2017).

Figura 4 – Jardins temporários em Londres.



Fonte: GATTUPALLI (2023).

Figura 5 - Urbanismo tático e experiências sensoriais no Bairro Confins em Belo Horizonte.



Fonte: ITDP Brasil (2019).

Assim, essa percepção pode contribuir de forma efetiva para o direcionamento de projeto, já que os espaços não são apreendidos pelos sentidos de forma individual, o que a torna interessante é a forma como

todos os elementos correlacionam entre si, formando uma atmosfera sinestésica. Então, a partir da conceituação “gibsoniana”, os sistemas sensoriais serão citados e correlacionados com potenciais espaços criados no Urbanismo Tático.

- a) Sistema paladar-olfato: esses dois sentidos são estritamente interligados entre si, por esse motivo, é mais racional que sejam agrupados em um só, já que proporcionam uma experiência simultânea. Essa nova forma de divisão “gibsoniana” ajudou muito do ponto de vista arquitetônico e urbanístico. Ao unir esses dois sentidos tradicionais é mais fácil correlacionar o paladar à concepção espacial. A inclusão de áreas verdes, como intervenções táticas que envolvem a venda de alimentos e a criação de jardins temporários, podem trazer aromas agradáveis para o ambiente urbano.
- b) Sistema háptico: esse é derivado do grego háptikos, que significa pegar, tocar. Ele foi subdividido por Gibson em cinco subsistemas, o qual denominou: toque cutâneo, toque háptico, toque dinâmico, toque temperatura e toque dor. É importante prestar atenção nos materiais usados em cada ambiente urbano, atentando-se à escolha de materiais e texturas para pavimentação, mobiliário urbano e outras estruturas que podem influenciar a experiência tátil das pessoas em ambientes coletivos;
- c) Sistema básico de orientação: esse sistema constitui a relação do nosso corpo (em postura vertical) com o plano horizontal sobre o qual ele está (o chão); através disso é possível ter percepções de escala e de profundidade. Por causa desse sistema é que se tem, também, as ideias de sentido e direção, com os quais as pessoas se orientam no espaço. Ele é muito dependente da visão, portanto quanto menos luz, maior será a dificuldade de se locomover ou de perceber um espaço. Projetar para este sistema sensorial é imprescindível para garantir um trajeto intuitivo e seguro ao pedestre, por isso é muito importante

pensar nesse sistema no desenvolvimento de projetos de acessibilidade;

- d) Sistema auditivo: esse sistema é responsável não somente pela capacidade de escutar, mas também de orientar-se no espaço através do som. Antes mesmo do nascimento, esse é um dos principais sentidos que conecta o feto com o mundo, portanto é um dos primeiros meios de percepção. É importante que trabalhe a acústica desses ambientes para não criar espaços com ruídos indesejados. Em algumas situações, o urbanismo tático pode incluir medidas para reduzir o ruído, como a instalação de barreiras acústicas temporárias. Intervenções táticas podem incluir, também, apresentações musicais ou instalações sonoras para criar uma atmosfera auditiva agradável;
- e) Sistema visual: a visão, desde muitos anos, foi considerada como um dos mais nobres sentidos. Por esse motivo, é o principal sistema, entre os citados, usado pelos arquitetos e urbanistas para projetar. Mas a proposta é que a visão seja apenas mais um elemento da arte de conceber espaços. Assim sendo, a grande função desse sistema é ser um apoiador de outros sistemas. O uso de plantas coloridas pode contribuir na humanização dos espaços. Instalações de arte urbana podem chamar a atenção e criarem uma comunicação interessante trazendo um universo de histórias gráficas que relatam temáticas sociais.

4 CONCLUSÃO

Muito além do que a semântica que o termo “Ambiente Sensorial” alcança, esse não é um espaço desenvolvido apenas para os sentidos, mas sim para o “sentir”, sendo a visão, o olfato, o paladar, o tato e a audição apenas canais de comunicação do verdadeiro alvo que é o emocional.

É fundamental que a cidade seja inclusiva, com princípios que produzam espaços para a diversidade humana, gerando um uso equitativo, rico em flexibilidade, acessível, intuitivo e acolhedor. Para construir ambientes de

uso coletivo, é importante que Urbanismo Tático respeite e reflita a diversidade social, para isso faz-se necessário o reconhecimento da história e aspirações dos potenciais usuários daqueles espaços.

Por este motivo, é de grande valia que, o(a) profissional urbanista, em suas atribuições criativas, não faça uso do egocentrismo da concepção enquanto artista criador, e perceba que a “tela a ser pintada” não é branca, mas que existe ali uma paisagem e uma história com a qual a sua obra precisa se comunicar para que o espaço criado seja amplamente vivenciado. É, ainda, fundamental que o profissional urbanista se posicione como coautor desses espaços, sendo inteiramente guiado pela sociedade como protagonista e autora desses ambientes.

O urbanismo tático é concebido, de fato, enquanto espaço, através da “corpografia” humana gerada durante a sua vivência, enquanto isso, ele se posiciona como uma obra inacabada e insustentável em sua própria natureza, assim, a presença humana é parte fundamental dessas intervenções urbanas.

De modo geral, a experiência sensorial quando combinada com os princípios do urbanismo tático, pode proporcionar cidades caminháveis mais agradáveis, sustentáveis e acolhedoras, onde as pessoas se conectam entre si e com o ambiente construído.

REFERÊNCIAS

BARDET, Gaston. O Urbanismo. Papirus: Campinas, 1990.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRENNER, Neil. **Seria o "urbanismo tático" uma alternativa ao urbanismo neoliberal?** EMetropolis, v. 7, n. 27, dez. 2016, p. 6-18.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do**

cotidiano: 2, morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHOAY, Françoise. *L'urbanisme, utopies et réalités: Une anthologie*. Paris: Seuil, 1965.

CORREA, Antonio Bonet. *Las Claves del Urbanismo*. Ariel: Barcelona, 1989.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

EBERHARD, John Paul. *Brain Landscape. The coexistence of neuroscience and architecture*. New York: Oxford University Press, 2009.

ELI, Julia Roberta. *Aspectos sensoriais: um centro de integração ao cego*. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. 2020. Centro Tecnológico. Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, Brasil, 2020.

FONTES, Adriana; PINA, João; PAIVA, Larissa. *Urbanismo tático: X ações para transformar cidades*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2021.

GATTUPALLI, Ankitha. *Espaços ocasionais: intervenções temporárias para um desenvolvimento urbano duradouro*. 2 abr. 2023. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/997657/espacos-ocasionais-intervencoes-temporarias-para-um-desenvolvimento-urbano-duradouro>. Acesso em 18 set. 2023.

HARVEY, D. *Neoliberalismo como destruição criativa*. Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente, 2006.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ITDP Brasil. *Urbanismo tático: tintas, cones e a transformação das cidades*. 2 dez. 2019. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/929253/urbanismo-tatico-tintas-cones-e-a-transformacao-das-cidades>. Acesso em: 18 set. 2023.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. *Revista Vitruvius - Arquitextos*, [S.l.], v. 8, n. 093.07, 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 14 set. 2023.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MALLGRAVE, Harry Francis. *The Architect's Brain. Neuroscience, creativity, and architecture*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2010.

MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MELO, Larissa Garrido Bezerra de. **Urbanismo Tático no Brasil: a perspectiva dos coletivos urbanos**. 2022. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2022.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1980.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PALLASMAA, Juhani; MALLGRAVE, Harry Francis; ARBIB, Michael. **Architecture and neuroscience**. Espoo: Tapio Wirkkala, 2013.

NEVES, Juliana Duarte. **Arquitetura Sensorial: a arte de projetar para todos os sentidos**. 1. ed.. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

RUGGLES, Donald H. **Beauty, neuroscience and architecture**. Denver: Fibonacci, 2017.

SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos. **Perceber o (in)visível: dimensões sensíveis de um corpo na arquitetura**. Curitiba: Appris, 2018.

SANTOS, Luísa Helena Zordan Martins. **O corpo no renascimento: dos movimentos da alma aos movimentos do corpo**. 2023. 24 f. TCC (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

VELHO, Gilberto. **Memória, identidade e projeto**. In: VELHO, Gilberto. Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VIZIOLI, Simone Helena Tanoue; TIBERTI, Mateus Segnini; BOTASSO, Gabriel Braulio. Diálogos entre Arquitetura e Fenomenologia: do Moderno ao Pós-Moderno. **Revista Projetar-Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 6, n. 3, p. 39-50, 2021.

SOBRE AS AUTORAS:

Amanda Pereira Rodrigues Moura

Universidade Federal Fluminense, Mestre em Arquitetura e Urbanismo, membro no Grupo de Pesquisa Análise e Representação da Forma

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8655-1177>

E-mail: amandaprm@id.uff.br

Luana Ferreira de Albuquerque

Universidade Federal Fluminense, Mestre em Arquitetura e Urbanismo, membro no Grupo de Pesquisa Análise e Representação da Forma

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5070-2631>

E-mail: lualbuquerque@id.uff.br

Luciana Nemer Diniz

Universidade Federal Fluminense, Doutora em Engenharia de Produção, líder do Grupo de Pesquisa Análise e Representação da Forma e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Transdisciplinares em Artes e Arquitetura

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0106-3292>

E-mail: luciananemerdiniz@gmail.com

Artigo recebido em: 19 set. 2023. | Artigo aprovado em: 16 nov. 2023.